



VARIAÇÕES MONUMENTOS

Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes. UERJ

RESUMO: Variações Monumentos relaciona a ideia de monumento às sensações acionadas por luzes de intercâmbio subjetivo identificadas no fluxo cotidiano das cidades. O trabalho se faz por meio da articulação de imagens captadas em mídias digitais com sonoridades, histórias e memórias encontradas em discursos orais, produções literárias, poéticas e musicais.

Palavras-chave: Arte, cidade, memória, música, literatura

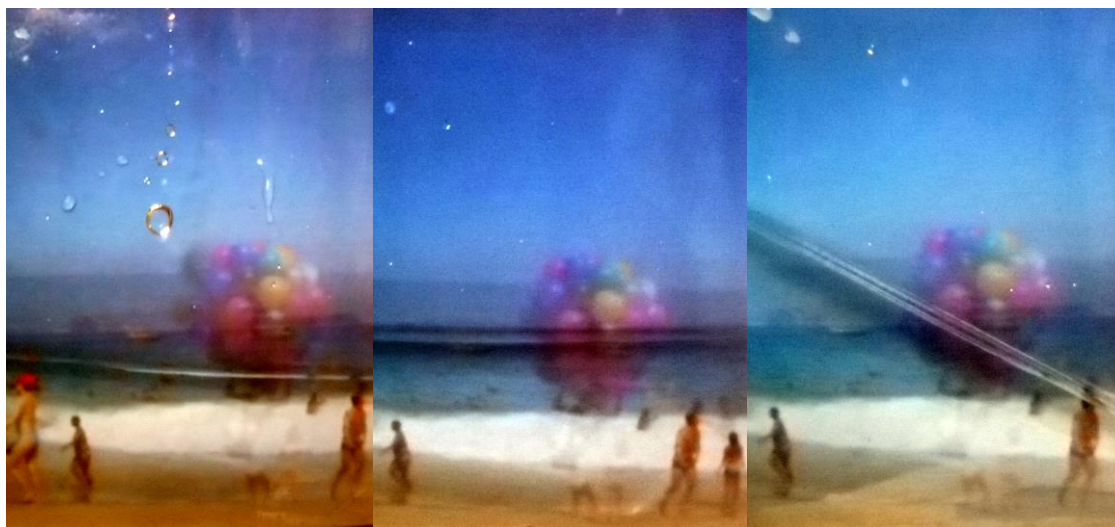
SOMMAIRE : *Variações Monumentos met en rapport l'idée de monument avec les sensations déclanchées par des lumières d'échanges subjectives identifiées dans le flux quotidien des villes. Le travail s'accomplit au moyen de l'articulation des images obtenues des midias digitales, avec des sonorités, des histoires et des mémoires qui se trouvent dans les discours oraux, les productions littéraires, poétiques et musicales.*

Mots-clés : *art, ville, mémoire, musique, littérature*

Tudo são luzes e a gente se acende é nos outros.¹

*Variações Monumentos*² é um desdobramento da Pesquisa *Horizontes possíveis em derivas cariocas*³, realizada no Mestrado em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha Processos Artísticos Contemporâneos. Na pesquisa de Mestrado entrelaçaram-se cenas filmadas na cidade do Rio de Janeiro, músicas, poesias, ficções, relatos orais e imagens aquáticas diversas. O propósito das *Derivas* experimentadas era o de deixar-me levar pelas possibilidades dos sentidos surgidos ao caminhar na cidade do Rio de Janeiro. Em andanças cotidianas, foram registradas imagens: a observação dos passantes, seus gestos, as sonoridades e seus relatos de vida foram relacionados a histórias, a personagens literários e a músicas. Um mapa ficcional e afetivo foi sendo configurado na medida em que se faziam conexões das imagens captadas com música, poesia, literatura e a memória viva da cidade. Das cenas em filme digital foram retidos, em fotogramas, “fatias de tempo”. Inseridos em invólucros plásticos com água, constituíram um

conjunto de imagens, todas utilizadas como suporte para experimentações com a luz.



Derivas - 2010

Uma série de novas inscrições sobre as imagens fotográficas surgiram. Linhas d'água, bolhas, veladuras. Inscrições, portanto, como escrituras. A água, presente também em movimento na edição dos filmes feitos nas *Derivas*, se tornou veículo das cenas urbanas, estabelecendo um movimento que relaciono ao tempo e ao lugar. Tempo que liga as situações na cidade, tempo acionado por lembranças, memórias e sensações.

É verdade que toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato de monumento não é a memória mas a fabulação.⁴

Em *Variações Monumentos* está em jogo, tal como o texto acima expõe, a ideia de monumento como o que ocorre no fluxo das sensações. Nesse sentido considero a cidade constante fluxo de memórias e histórias. A cidade tem pistas, calçadas, postes que indicam trajetos. A memória afetiva dá à cidade novas ligas e iluminações. E pelos encontros ocorrem os *monumentos*. As frases de Deleuze e Guatarri acima, me conduzem aos blocos de memória ou “sensações presentes” acionadas por instantes especiais de vida e pelas fabulações.

Machado de Assis, no *Relíquias da Casa Velha*, diz:

Encostei-me à janela da vida, com os olhos no rio que corria embaixo, o rio do tempo, não só para contemplar o curso perene das águas como à espera de ver apontar do lado de cima ou de baixo a galera de ouro e sândalo e

velas de seda, que devia levar-me a certa ilha encantada e eterna. Era o que me dizia o coração.⁵

Em *Moinhos*, o desenho confeccionado por um fio com pontos de luz dirige o olhar a sinalizações de lembranças e afetos. A escolha das imagens se relaciona à trechos de músicas e poesias. O título *Moinhos* é uma referência à música *Moulins de mon coeur* de Michel Legrand. Em *Deriva* pela internet, fui conduzida a versão em inglês na voz de Sting, *Wildmills of your mind*. A música conforma o tempo como uma espiral, uma *Deriva* que “nunca termina ou começa”, se expande nos espaçamentos das relações cotidianas. A intensidade da luz acende lembranças, em cada ponto ilumina e ao mesmo tempo ofusca, produz projeções das imagens dos fotogramas na superfície da parede. Sombras aparecem nas entrelinhas dos fios e fotogramas. Expande-se, assim, o instante.



Moinhos - 2011



Moinhos - 2012 (detalhe)

A ideia de monumento presente nos instantes de vida de *Variações Monumentos* se sintoniza com a relação que Lygia Pape estabelece com o espaço urbano, nos *Espaços Imantados*, a partir de seus deslocamentos, de seu encontro com o outro e seu interesse pelas dimensões humanas. Em sua fala, Lygia considera o camelô uma forma de espaço imantado, isso por sua capacidade de criar um corpo no local em que se estabelece. Corpo confeccionado com sua oralidade, com seu gestual e com os objetos que manipula. O pequeno território onde muitas pessoas se aproximam através de um “discurso irregular, às vezes curto, às vezes longo”⁶ que pode se desmanchar quando “de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz”.⁷ O camelô cria um acontecimento, performa em um espaço e tempo, através de seu discurso que muda de acordo com o grupo e permite perceber a dimensão dinâmica intensa de praça pública presente no encontro com a rua praticada nas *Derivas*. Através de situações carregadas por constelações dos instantes de vida, imantados por indícios breves de memórias particulares e coletivas, *Variações Monumentos* se dedica a permanente encontro da vida fabulada e a realidade.

Andreas Huyssen afirma ser a memória “sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento: em suma ela é humana e social.”⁸ Ao indicar

a memória pública sob influência de “mudanças — políticas, geracionais e individuais”⁹, considera a impossibilidade desta ser armazenada ou protegida em monumentos, entendidos como proteção do passado. Robert Smithson em seus textos *Entropia e os novos monumentos* e *A eterna batalha: um passeio pelos monumentos de Passaic* propõe uma fenda no que está estabelecido, desvelando outro horizonte para o tempo e a memória. Desse modo, afirma que tempo e memória “parecem nos fazer esquecer o futuro em contraponto aos antigos monumentos feitos para permanecerem por séculos lembrando o passado.”¹⁰

Entendo a memória como substância movente e passível de se atualizar permanentemente. Encontro a memória labirinto em Roberto Corrêa dos Santos, memória ampla, que abarca muitas percepções e, “como esponja, é fartamente permeável; porém, para contrabalançar o dispêndio gerado pelo excesso de materiais absorvidos, vale-se de uma força suplementar, que a torna em certo nível, seletiva.”¹¹ Inserir *imagens-monumentos*, retiradas dos filmes das Derivas, no interior de pequenas garrafas de vidro repetindo a lógica de progressão experimentada no exercício de “fatiar” os vídeos produz uma coleção. Garrafas podem conter líquidos. E mensagens.



Monumentos no Tempo, 2011

As relações que se estabelecem em minhas recordações a partir do que vivencio no embate cotidiano geram elos com memórias subjetivas e coletivas. Tal entendimento se relaciona ao cinema mental de Calvino, que funciona continuamente em nós, mesmo antes da invenção do cinema, e não cessa de projetar imagens em nossa tela interior. Em *Seis propostas para o próximo milênio* se destaca:

quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.¹²

Renata Márquez, em *Geografia portátil*¹³, considera unidos sujeito e paisagem, experiência e conhecimento, espaço e prática espacial. Afirma ser a imagem manifestação do espaço e uma representação efêmera e aberta em que o corpo, pela realidade vivida, se torna discurso. As categorias geográficas de lugar, paisagem e território incorporam as experiências de estar no mundo. Em Atlas Ambulante, Renata mostra uma cartografia subjetiva, “um espaço *outro*: aquele que nunca aparece nos mapas turísticos, nos mapas oficiais, nos mapas institucionais... um espaço *do outro*.”¹⁴

Conforme Milton Santos, o território não significa apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. Para ele “o território usado não é só o chão, mas a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.”¹⁵

Partilho dessa experiência nas *Derivas* que pratico. *Variações Monumentos* se vale do sentido de território descrito acima e do conhecimento como experiência que escapa da objetividade científica. Nesse sentido, considero a música um *monumento* que impele a acessar memórias, chamar outros tempos, não esquecer. Percebo nas rodas de samba, onde muitas pessoas cantam e dançam juntas, uma experiência de imantação.

Em 2009, no Clube Boêmios de Irajá, vi e ouvi Luiz Carlos da Vila cantar, em seus domingos dos “Caldos e Canjas”, a música *O sonho não acabou*, homenagem ao compositor Candeia. A letra da música traduz o sentido de *monumento* presente.

A chama não se apagou
 Nem se apagará
 És luz de eterno fulgor
 Candeia
 O tempo que o samba viver
 O sonho não vai acabar
 E ninguém irá esquecer
 Candeia¹⁶

Em março de 2012, um passeio para mostrar a Floresta da Tijuca a uma atriz natural do Togo: a exuberância da paisagem, o som da cidade ao longe combinados às conversas, a frases e a cantigas verbalizadas em seu dialeto arremessaram-me ao desejo de transpor *O sonho não acabou* para o idioma do Togo. Uma troca de sons e sentidos atravessados pela versão de uma poesia ou texto amplia a *Deriva* para além do cotidiano, cria o *monumento*. Assim, uma rede de transposições de textos criados em português e vocalizados em diferentes línguas com o propósito de articular junto às imagens captadas na cidade uma ampliação de novos terrenos é também objeto da pesquisa. O título *Variações Monumentos* se relaciona ao nome da obra do compositor inglês Edward Elgar, composta em 1898, *Variações sobre um tema original para orquestra Op. 36 "Enigma"* comumente chamada *Variações Enigma*. A música contém um conjunto de catorze variações sobre um mesmo tema, cada variante dedicada a um amigo de Elgar.

NOTAS

¹Fala de João Celestioso ao regressar do outro lado da montanha. Capítulo 21, Chave de chuva, do romance **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra** de Mia Couto.

²Variações Monumentos, pesquisa de doutorado iniciada em março de 2013, desenvolvida na Linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação do Professor Doutor Roberto Corrêa dos Santos.

³Horizontes possíveis em derivas cariocas, pesquisa de Mestrado concluída em março de 2011, realizada sob orientação da Professora Doutora Maria Luiza Fatorelli no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁴DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p 218

⁵ASSIS, Machado de. **Relíquias de Casa Velha**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. Ed, 1946.

⁶PAPE, Lygia. **Lygia Pape**. Apresentação: Mário Pedrosa. Poemas: Luiz Otávio Pimentel. Rio de Janeiro: Funarte, 1983. p. 47.

⁷Ibid. p. 47.

⁸HUYSSSEN, Andreas. **Passados presentes: mídia, política e amnésia**. In: Seduzidos pela Memória, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p 37

⁹Ibid. p. 37.

¹⁰SMITHSON, Robert. **Entropy and the new monuments**. Disponível em: <http://www.robertsmithson.com/essays/entropy_and.htm>. Acesso em 6 mar. 2011.

¹¹SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a vida, o exterior**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999. p. 17

¹²CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.138.

- ¹³ MÁRQUEZ, Renata. **Geografia portátil**. Disponível em: <<http://geografiaportatil.org/>>. Acesso em 8 mar. 2011.
- ¹⁴ Ibid.
- ¹⁵ SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. *GEOgraphia*: revista de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói/RJ, Ano 1, nº 1, 1999.
- ¹⁶ Letra da música *O sonho não acabou* de Luiz Carlos da Vila.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. Ed., 1946.
- CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COUTO, Mía. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política e amnésia. In: _____. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MÁRQUEZ, Renata. **Geografia portátil**. Disponível em: <<http://geografiaportatil.org/>>. Acesso em 8 mar. 2011.
- PAPE, Lygia: **Espaço Imantado/** curadoria de Manuel J. Borjas- Villel e Teresa Velásquez; textos de Paulo Herkenhoff... { ET AL. }. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.
- _____. **Lygia Pape**. Apresentação: Mário Pedrosa. Poemas: Luiz Otávio Pimentel. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. *GEOgraphia*: revista de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói/RJ, Ano 1, nº 1, 1999.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a vida, o exterior**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos e REZENDE, Renato. **No Contemporâneo: Arte e Escrituras expandidas**. Rio de Janeiro: Editora Circuito: FAPERJ, 2011.
- SMITHSON, Robert. **A eterna batalha: um passeio pelos monumentos de Passaic**. O nó górdio: jornal de metafísica, literatura e artes, ano 1, nº 1, dez. 2001.
- _____. **Entropy and the new monuments**. Disponível em: <http://www.robertsmithson.com/essays/entropy_and.htm>. Acesso em 6 mar. 2011.
- Músicas:**
- ELGAR, Edward. **Variações sobre um tema original para orquestra Op. 36 "Enigma"** http://www.concertino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3068
- LEGRAND, Michel. **Les Moulins de mon Coeur**. <http://www.youtube.com/watch?v=jk63Psr3wzY>

MARIA LUCIA VIGNOLI RODRIGUES DE MORAES

Doutoranda no Instituto de Artes/UERJ, Mestre no Instituto de Artes - IA/UERJ, graduada em Cenografia pela EBA/UFRJ. Exposições individuais: Derivas SESC Teresópolis (2011), Horizontes, SESC, Nova Friburgo (2010), Diários do Tempo, Espaço Cultural Furnas e Minigaleria Caixa Cultural, Rio de Janeiro, (2006), Imaginárias, SESC Petrópolis (2005) e Itinerários Urbanos, SESC São João de Meriti, Rio de Janeiro (2002).